



# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB  
HA

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**UFPEL**



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

  
**CEFET/RJ**

## **CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**

**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

### **Diretoria (2020-2022)**

**Presidente** – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

**Vice-presidente** – Neiva Bohns (UFPEL)

**Secretária** – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

**Tesoureiro** – Arthur Valle (UFRRJ)

### **Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

### **41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**

#### **Comissão Organizadora**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

#### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

#### **Imagem da capa**

Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

#### **Diagramação**

Vasto Art

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

#### **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios**

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# Presença indígena na arte colonial: o caso da Igreja de São Lourenço dos Índios

Sílvia Borges, Universidade Federal do Rio de Janeiro

silviagborges@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5931-4632>

## Resumo

A Igreja de São Lourenço dos Índios é uma das construções mais antigas da região da Baía da Guanabara. De arquitetura simples, guarda vestígios de um passado ora exaltado, ora emudecido por narrativas – que incluem silenciamentos, violências e apagamentos – sobre fundação da cidade de Niterói. A igreja preserva o retábulo dedicado a São Lourenço que é reconhecido como marco do maneirismo comum às igrejas jesuíticas do início do período colonial. A singularidade do caso dessa pequena igreja reside na preservação do conjunto retabular, mas, sobretudo, em seu local de origem e nos silenciamentos que marcam os estudos a ela dedicados.

**Palavras-chave:** Arte colonial. Artes indígenas. Igreja de São Lourenço dos Índios.

## Abstract

The Church of São Lourenço dos Índios is one of the oldest buildings in the Baía de Guanabara region. Simple architecture, keeps traces of a past now exalted, now muted of narratives – which include silences, violence and erasure – about the foundation of the city of Niterói. The church preserves the altarpiece dedicated to São Lourenço, which is recognized as a landmark of the common mannerism of the Jesuit churches of the early colonial period. The uniqueness of the case of this small church lies in the preservation of the retabular set, but above all in its place of origin and in the silences that mark the studies dedicated to it.

**Keywords:** Colonial art. Indigenous arts. Church of São Lourenço dos Índios.

A Igreja de São Lourenço dos Índios é um bem histórico-artístico de Niterói<sup>1</sup>. Um caso singular de uma igreja que é equipamento cultural municipal, tendo sido incorporada ao patrimônio público em 1915. Desde então, os desafios – ainda contemporâneos – giram ao redor da preservação do patrimônio histórico edificado que constitui marco identitário de fundação da cidade.

A igreja é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional conforme processo no 0163T-1938 (Inscrição 213 do Livro de Belas Artes, fl. 37, e Inscrição 247, Livro Histórico, fl.41), onde consta a descrição:

A construção da Igreja de São Lourenço dos Índios, feita em pedra e cal, tem linhas arquitetônicas simples, muito representativa do que foi o traço marcante na arquitetura dos padres jesuítas. A fachada principal é constituída de porta de madeira de folha dupla almofadada, com molduras de pedra, bem como as três janelas existentes na altura do coro. No interior, a igreja possui altar-mor que representa uma ampliação do estilo dos altares laterais. [hoje desaparecidos]. Ao fundo, pode-se observar um painel, discretamente colocado, visando ocultar uma janela existente. O centro do altar é ocupado pela imagem de São Lourenço ostentando as vestes de diácono. Nos vãos laterais há, ainda, outras pequenas imagens compondo os lugares ali existentes. Na base do altar-mor pode-se observar em quadro central, esculpido em mármore, a cena do suplício de São Lourenço. Ladeando o referido quadro, há ornatos também em relevo, representando turíbulos queimando incenso, e a vinha e o trigo simbolizando o sangue e o corpo de Deus. Apesar de algumas perdas, que se deram ao longo do tempo, ainda existem na Igreja de São Lourenço dos Índios, algumas relíquias de valor incalculável: o retábulo de madeira - considerado pelo arquiteto Lúcio Costa, como o mais belo exemplar brasileiro da arte jesuítica, a imagem de São Lourenço (obra-prima de santeiros portugueses do XVII), um lavabo de pedra portuguesa, o púlpito de madeira e uma magnífica pia batismal.<sup>2</sup>

Adiante, segue enaltecendo o valor histórico do referido bem:

Considerada um símbolo para a construção da identidade dos niteroienses, a origem da Igreja de São Lourenço dos Índios está relacionada ao assentamento indígena que se deu, no fim do século XVI, no espaço hoje ocupado pela cidade de Niterói. Essas terras foram povoadas a partir da doação, em 16 de março de 1568, de uma sesmaria ao chefe termiminó Araribóia, por serviços prestados na expulsão dos franceses. Os registros históricos mostram que, desde o

---

<sup>1</sup> Esse artigo é dedicado a Claudio Valério Teixeira, pois sem seus esforços – pessoal e profissional – certamente não teríamos vestígios desse bem histórico/ artístico/ cultural, não só de Niterói, mas da arte colonial brasileira.

<sup>2</sup> Descrição de tombamento do IPHAN. Ver:

[http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_hist.gif&Cod=1644](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1644)

início da ocupação desta área, a presença religiosa se fazia marcante. A carta do Padre Gonçalo de Oliveira, datada de 1570, já anunciava uma primeira capela, em taipa, que se localizava no alto de um morro da Aldeia de São Lourenço dos Índios. Esta edificação primitiva cederá lugar a uma outra, inaugurada em 10 de agosto de 1586, com a representação do Auto de S. Lourenço. Nesta época, a ermida era, ainda, uma capela tosca e pequena, e já antes de 1627, os *jesuítas substituíram* por um templo mais próprio. Um século mais tarde, passou por novas modificações e, em 1769, a capela foi reconstruída, tomando a fisionomia que ainda hoje conserva, apesar das reformas que sofreu no século XIX. Com isso, a igreja de São Lourenço dos Índios pode ser considerada um marco do primeiro *assentamento lusitano* do lado oriental da baía da Guanabara.<sup>3</sup>



**Figura 1.** Fachada da Igreja de São Lourenço dos Índios, Niterói/ Rio de Janeiro

Este texto institucionalmente constituído sob a chancela do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional configura uma síntese clara do que se vê, do que se considera relevante e, especialmente, do que se escreveu sobre esta

---

<sup>3</sup> Descrição de tombamento do IPHAN. Ver: [http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_hist.gif&Cod=1644](http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1644) (grifo nosso)

edificação. Destacam-se as ênfases ao valor artístico do retábulo, à origem portuguesa da imagem de São Lourenço, à presença religiosa dos jesuítas que resulta no que é chamado de “marco do primeiro *assentamento lusitano* do lado oriental da baía da Guanabara”. O registro oficial enfatiza a ação colonizadora, tomando a igreja como marco exemplar.

A narrativa institucional faz referência direta a Lúcio Costa e seu conhecido artigo *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*, publicado na Revista do SPHAN, no. 5, de 1941<sup>4</sup>, conferindo-lhe autoridade. Mais de uma década depois do referido artigo, em 1956, Germain Bazin em seu *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, afirma que:

A capela de São Lourenço de Niterói, próximo do Rio, resquício de *aldeia jesuíta* do mesmo nome, apesar da restauração que sofreu, em 1767, manteve a disposição original do templo erguido em 1627, aliás, muito humilde; nela só existe um campanário-arcada, colocado sobre uma parede no prolongamento da fachada; esta tem o perfil jesuíta típico...<sup>5</sup>

Em sua concisa descrição, Bazin registra a referência jesuítica e chega a dizer que “só existe um campanário-arcada”, indicativo de uma arquitetura simplista. Robert Smith em artigo sobre arquitetura colonial também se refere à existência de “*aldeias jesuíticas*” para tratar da arquitetura associada à Companhia de Jesus<sup>6</sup>.

Lucio Costa refere-se a “aldeamentos formados pelos padres [jesuítas]”<sup>7</sup>. Germain Bazin e Robert Smith a “aldeias jesuíticas”, assim como tantos outros. Diante dessas recorrências propomos um modo distinto de ver e – por que não nomear? – esse espaço colonial.

É consenso que os aldeamentos foram parte essencial do projeto de colonização e importante ação dentre as estratégias de catequização de povos originários. Foram organizações fundamentais para garantir a ocupação do território colonial sob domínio da Monarquia católica portuguesa. As relações entre portugueses e indígenas se integravam à cultura política que “baseava-se na troca de favores e serviços, num sistema de reciprocidade”<sup>8</sup>.

Em diálogo com a historiadora Maria Regina Celestino de Almeida, optamos por compreender esse espaço não como lugar de uma aldeia jesuítica, mas como objeto que nos permite reconhecer a existência/ sobrevivência de um aldeamento indígena. Em suas palavras “a colônia era um projeto em construção, no qual todos se influenciavam mutuamente e se transformavam”<sup>9</sup>.

<sup>4</sup> COSTA, Lucio. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*. Revista do SPHAN, Rio de Janeiro, n. 5, p. 9-104, 1941. p. 13.

<sup>5</sup> BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil: volume 1*. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 106-107. (grifo nosso)

<sup>6</sup> SMITH, Robert. *Arquitetura colonial*. In: REIS FILHO, Nestor Goulart (org.). *Robert Smith e o Brasil: cartografia e iconografia*. vol. 1. Brasília/ DF: IPHAN, 2012. p. 257-327.

<sup>7</sup> COSTA, Lucio. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*. Revista do SPHAN, Rio de Janeiro, n. 5, p. 9-104, 1941. p. 13.

<sup>8</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 87.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 26.



**Figura 2.** Capela-mor da Igreja de São Lourenço dos Índios

Os aldeamentos são aqui compreendidos como espaço de agência indígena. É a partir dessa premissa que sugerimos que a Igreja de São Lourenço dos Índios seja observada para além das notas consagradas da historiografia mais tradicional.

O aldeamento de São Lourenço dos Índios configura-se em um caso ímpar da construção das cidades coloniais e expressa a complexidade das relações entre indígenas e portugueses, especialmente nas primeiras décadas da colonização. Como afirmam Manuela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro ao tratar das dinâmicas da sociedade tupinambá “os inimigos passam a ser indispensáveis para a continuidade do grupo, ou melhor, a sociedade tupinambá existe no e através do inimigo”<sup>10</sup>.

Conforme essa dinâmica, a formação do aldeamento de São Lourenço está profundamente vinculada à expulsão de franceses aliados aos tamoios pelos portugueses e temiminós. Apesar de poucas informações sobre as dinâmicas

<sup>10</sup> CUNHA, Manuela Carneiro da; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Vingança e temporalidade: os tupinambás. Anais do Congresso Internacional de Americanistas, Bogotá, v. 10, n. 1, p. 57-78, 1986. p. 70.

dessas populações pelo território colonial, sabe-se que um grupo de indígenas – chamados Índios do Gato – que era do Rio de Janeiro, migrou para a região do Espírito Santo, passando a viver em aldeia administrada pelos jesuítas. Por ocasião da guerra de expulsão dos franceses o governador Mem de Sá os convocou a retornar – sob a liderança de Araribóia – e a lutar junto aos portugueses. Trocando em miúdos, os indígenas lutaram em imensa maioria.

Os antes chamados Índios do Gato, ao retornar ao Rio de Janeiro, passaram a ser nomeados temiminós. Sua ação foi decisiva para expulsão dos franceses. E, com a vitória, Arariboia – Martin Afonso de Sousa – recebeu do governador as terras do lado leste da Baía da Guanabara a fim de povoá-las, conforme *Carta de Sesmaria de 1568*. Nessas terras foi fundado o aldeamento indígena de São Lourenço. Assim, os Índios do Gato, que retornados do Espírito Santo se tornaram temiminós, passaram a se identificar como índios da aldeia de São Lourenço.

Foram esses indígenas aldeados sob a orientação dos jesuítas que povoaram a região, garantindo proteção ao território ao se aliarem aos portugueses. Os jesuítas eram autorizados pela Coroa a administrar os aldeamentos, mas sua liderança era dada ao seu “principal” – no caso de São Lourenço, o Arariboia. Os indígenas – quando aldeados – se tornavam vassallos do rei, o que implicava em uma série de deveres e direitos sociais. Conforme pesquisas de Maria Regina Celestino de Almeida:

Ao se aldearem, os índios se tornavam súditos cristãos e buscavam se adaptar a um novo espaço físico e social, onde aprendiam novas regras e comportamentos que lhes permitiam novas estratégias de luta e sobrevivência no mundo colonial em formação.<sup>11</sup>

Este artigo reconhece violências, conflitos, genocídios que marcaram o projeto colonial. A partir disso, propõe um exercício de construção de olhar que permita reconhecer a presença indígena nessa igreja que – segundo a historiografia clássica, conectada com classificações formais europeias – tem sua existência enaltecida em razão de uma filiação jesuítica/ portuguesa.

Os aldeamentos representavam uma espécie “mal menor” – como pondera Maria Regina Celestino de Almeida em seu livro *Os Índios na História do Brasil*.

...apesar dos prejuízos incalculáveis, a política de aldeamentos colocava os indígenas numa condição jurídica específica atribuindo-lhes, além das obrigações, alguns direitos que eles lutaram por garantir até o século XIX, agindo conforme os códigos do mundo colonial.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 115.

<sup>12</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os Índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 72.

De acordo com as regras coloniais, todos os aldeamentos deveriam ter uma igreja e foi nessa conjuntura que se construiu a templo que ainda hoje resiste ao tempo.

Diante do retábulo, se direcionarmos nossos olhos para o chão, veremos o piso de barro cozido que compõe a capela-mor. Nessa tijoleira há marcas, incisões. Olhemos para o chão, para a base que sustenta o altar principal e que sustentou altares laterais hoje desaparecidos.



**Figura 3.** Tijoleira da capela-mor da Igreja de São Lourenço dos Índios

É preciso que nos permitamos esse exercício primário e primeiro. O exercício do olhar. O que vemos sob nossos pés é o que nos permite perceber silêncios, apagamentos, escolhas hierárquicas. Os Índios do Gato, os Temiminó, os índios da aldeia de São Lourenço se fazem presentes. Por décadas não os vimos, não os notamos. Na busca por classificar estilos, decodificar significados através do exercício interpretativo de códigos e práticas remotas que julgamos decifráveis, nós, historiadores da arte, os silenciámos.

Lux Vidal, em seu livro *Grafismo indígena* que reúne artigos dedicados ao estudo do tema e, a partir de pesquisas com povos amazônicos, destaca o esforço de antropólogos visuais em reconhecer aspectos como habilidade técnica, qualidades de forma, design e conteúdo simbólico diante das artes indígenas<sup>13</sup>. E nós? Que questões forjamos diante de tais “presenças”?

No caso das marcas deixadas em peças da tijoleira que recobrem o piso da capela-mor, seria possível indagar sobre a existência de diferentes padrões, sobre a singularidade do conjunto ou se constituía prática recorrente em igrejas de

<sup>13</sup> VIDAL, Lux. SILVA, Aracy Lopes da. Antropologia estética: enfoques teóricos e contribuições metodológicas. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studiom Nober/FAPESP/Edusp, 1992. p. 279-293. p. 280.

aldeamentos indígenas. Entretanto, deixaremos essas questões abertas a trabalhos futuros.

Há uma série de referências documentais sobre o aldeamento indígena de São Lourenço que permitem sugerir algumas continuidades. Nas *Visitas Pastorais de Monsenhor Pizarro*, de 1794, há menção aos altares laterais de Nossa Senhora da Piedade e de São Miguel que já não mais existem e, ao final de seus escritos, uma informação de destaca:

Pelo número dos Fogos se conhece, o em que consiste esta Aldea dos Índios. Em roda da Igreja axam-se fundados alguns d'aqueles, e os outros, em lugares dispersos, mas dentro das suas proprias terras. As mulheres não se dão m.to á ociosidade, p.r q' todas elas tem o Oficio de paneleiras; e são déstras na sua Oficina, sem usarem do beneficio da roda, como sucede com as *Fabricas de Olerias*, não só p.a a construção das panelas, mas ainda para toda outra loiça de uso, como frigideiras, boioens, chicolateiras, e etc. em que fazem bom negocio, servindo-se do barro q' tiraõ em terras da Freguezia de S. Joaõ de Carahy. [sic]<sup>14</sup>

As notas setecentistas de Monsenhor Pizarro indicam a tradição do uso do barro nessa sociedade. Sobre o mesmo tema, o viajante Maximiliano em sua *Viagem ao Brasil*, ao narrar sua “excursão” à aldeia de São Lourenço dos Índios, afirma ser aquela a única aldeia próxima à capital onde “ainda [se encontravam] habitantes primitivos do país.”<sup>15</sup>

Os moradores estavam ocupados, em suas cabanas, na fabricação de vasos com uma *argila cinzento-escura, que toma cor avermelhada quando levada ao fogo*. Fabricam com elas grandes vasos utilizando-se apenas das mãos, sem empregar a roda, e alisam-lhes a superfície por meio de pequenas conchas que umedecem com a boca. Velhos e moços estavam sentados no chão. Os homens trabalham a serviço do rei na confecção de vasilhas.”<sup>16</sup>

Esses registros, bem mais tardios que a construção da igreja, apontam a continuidade do uso do barro na confecção de objetos por moradores do aldeamento. Seria precipitado cogitar que o uso desse material, comum na região, fosse parte da tradição que viria desde os tempos de fundação do aldeamento, passando pela construção da igreja? Seria possível, passados vinte anos da última restauração da Igreja de São Lourenço dos Índios, levantarmos novas perguntas

---

<sup>14</sup> ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro. O Rio de Janeiro nas visitas de Monsenhor Pizarro: Inventário de Arte Sacra Fluminense. Rio de Janeiro: INEPC, 2008. tomo 2. p.276 (grifo nosso)

<sup>15</sup> WIED, Maximilian Prinz von. Viagem ao Brasil: 1782-1867. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo.1989. p. 27

<sup>16</sup> WIED, Maximilian Prinz von. Viagem ao Brasil: 1782-1867. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo.1989. p. 28 (grifo nosso)

diante das urgentes necessidades de intervenção que esse bem requer para se manter vivo?<sup>17</sup>

Enfim, entre tantos silêncios é preciso recuperar os relatórios de restauração de Domingo Isaac Tellechea<sup>18</sup> que datam de 2001. No quinto volume de seus cuidadosos apontamentos sobre todo o processo de restauração da capela-mor, lê-se:

... nos primeiros momentos da conquista, antes de madurecer a habilidade manual produziram cerâmicas com características que associavam as duas culturas: indígena (tupi-guarani) e europeia. (...) No caso de São Lourenço dos Índios, onde a partir da conquista o tempo parece haver se detido, não permaneceram “in situ” as cerâmicas que compõem o pavimento da capela-mor sobre o qual se assenta o altar. Estas peças estão decoradas com incisões dactilares indígenas semelhantes as mais primitivas existentes nas missões do Paraguai nas quais, na atualidade só existem pequenos fragmentos. Originalmente estas cerâmicas estiveram recobertas com esmalte do qual só se conservaram restos nas poucas peças em que a abrasão foi menor, ou porque a capa vidrada foi mais resistente. (...) Estas caneluras nas telhas não têm nenhuma função a não ser decorativa.<sup>19</sup>

Foi através do que Tellechea chama “decoração” que os indígenas do aldeamento de São Lourenço se fizeram presentes.

Hoje, o Morro de São Lourenço já não encontra o mar graças a seguidos aterramentos na região. A cidade cresceu ao redor igreja. Grande parte de seus vizinhos desconhece seu passado. Mas, se a colonização se faz presente na talha dourada e na escultura portuguesa de São Lourenço, os povos originários que ali viveram (morreram e foram mortos) se fazem presentes através do piso que está sob nossos pés como a nos lembrar de sua existência, de sua resistência. Nesse momento, mais do que buscar interpretações, nos interessa a presença. Nos interessa reconhecer a existência, porque se somos capazes de apagar, também podemos – e devemos – ser capazes de “produzir presença”.

---

<sup>17</sup> Cabe registrar as precárias condições em que se encontra hoje a Igreja de São Lourenço dos Índios, cujo piso tem sofrido graves ataques de cupins, bem como o púlpito. Os registros arqueológicos ainda permanecem no local, mas em condições muito precárias e sem qualquer tipo de informação. O coro alto está tomado por pombos. Enfim, faz-se necessária e urgente uma nova ação de restauração, considerando as ações do tempo e o valor desse bem.

<sup>18</sup> Aqui presto minha respeitosa homenagem e justo reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo Professor Domingo Isaac Tellechea ao longo de décadas dedicadas à restauração.

<sup>19</sup> Relatório de restauração. Vol. 5. P. 174-175



**Figura 4.** Tijoleira da capela-mor (detalhe)

## Referências

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro. *O Rio de Janeiro nas visitas de Monsenhor Pizarro: Inventário de Arte Sacra Fluminense*. Rio de Janeiro: INEPC, 2008.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil: volume 1*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- COSTA, Lucio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 9-104, 1941.
- CUNHA, Manuela Carneiro da; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Vingança e temporalidade: os tupinambás. *Anais do Congresso Internacional de Americanistas*, Bogotá, v. 10, n. 1, p. 57-78, 1986. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6354/7684>
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.
- \_\_\_\_\_. VELTHEM, Lucia Hussak van. Arte indígenas: olhares cruzados. *BIB*, São Paulo, n. 87, Mar/2018. p. 133-156.
- SMITH, Robert. Arquitetura colonial *In*: REIS FILHO, Nestor Goulart (org.). *Robert Smith e o Brasil: cartografia e iconografia*. vol. 1. Brasília/ DF: IPHAN, 2012. p. 257-327.
- VIDAL, Lux. SILVA; Aracy Lopes da. Antropologia estética: enfoques teóricos e contribuições metodológicas. *In*: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studiom Nober/FAPESP/Edusp, 1992. p. 279-293.

WIED, Maximilian Prinz von. *Viagem ao Brasil: 1782-1867*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1989.

**Como citar:**

BORGES, Sílvia. Presença Indígena na arte colonial: o caso da Igreja de São Lourenço dos Índios. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p.492-502 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.041>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>